

EDITORIAL

Ao completar dez anos de existência *Saeculum* - Revista de História aparece, em sua décima primeira edição, com uma mudança aparente. Mudou-se a forma, buscando a adequação aos padrões mais atuais do mercado editorial no que se refere à publicação de periódicos. Mantém, no entanto, a perspectiva que já era anunciada no editorial do número um, quando, justificando a escolha do nome, se afirmava: “Nomear *saeculum* é nomear a vida pela qual se combate. Vida em que se mesclam o novo de cada situação e a herança daquilo que nos foi deixado...”.

A vida da *Saeculum* ao longo desse tempo tem sido, como a dos historiadores que a têm feito, e a do mundo em que vivem: uma trajetória de dificuldades e de incertezas, mas também de um amadurecimento que se confunde com o alargamento de horizontes, com a incorporação de desafios teóricos e metodológicos cada vez mais complexos e de objetos a um só tempo macro e microscópicos.

Dez anos depois *Saeculum* já não é uma publicação endógena, como foi aquele primeiro número. Já não é a Revista dos docentes do Departamento de História e dos alunos do curso de História da Universidade Federal da Paraíba. Pelo contrário, há alguns anos tornou-se uma revista de abrangência nacional, com um Conselho Editorial composto por historiadores que trabalham em grandes centros de pesquisa e universidades, de todas as regiões do país. Trata-se, além disso, de um Conselho multifacetado também do ponto de vista das especialidades no campo do conhecimento histórico. Sua abrangência nacional está traduzida ainda na procedência dos autores que têm seus trabalhos publicados, como mais uma vez acontece nessa edição.

Neste décimo primeiro número da *Saeculum* reúnem-se historiadores e pesquisadores de áreas afins vinculados a instituições de diversas regiões brasileiras. São docentes de universidades e alunos de cursos de pós-graduação que transitam por diferentes temas e temporalidades. O primeiro artigo do número é sugestivo: estamos diante do tema clássico das utopias, das idéias pela construção de um mundo melhor, que aqui nos são apresentadas por Adalmir Leonídio. Como a explorar as possibilidades dessa construção, nos encontramos na teia da interdisciplinaridade, discutindo, primeiro, as relações entre História e Linguística, com Giselda Brito Silva e suas reflexões sobre a análise do discurso, e depois, as da História com a Literatura, através do Cavaleiro da Charrete que, da Idade Média européia, nos é apresentado por Miriam Luna da Silva. Atravessamos também a Antiguidade e o Medievo, acompanhando a criação do novo modelo caritativo cristão para, na companhia de Bruno Zétola, nos encontramos, em Pernambuco do século XIX, com Alcileide Nascimento e as suas filhas da caridade. Ainda tratando de mulheres, dessa vez conhecemos uma judia imigrante e empreendedora no pós-segunda guerra mundial em São Paulo, em artigo de Marie Weinberg. E, por falar em deslocamentos de gentes e de culturas entre as margens do Atlântico, *Saeculum* apresenta os imigrantes espanhóis, um tanto quanto (in)visíveis na cafeicultura paulista, mas plenamente contemplados no texto de Marília Cánovas. Ao mesmo tempo, vindos também do outro lado do Atlântico,

das terras mais ao sul, da África, nos chegam aspectos da lógica que marca alguns maracatus-nação estudados por Ivaldo Lima. Sob o pulso que une, num só espaço, temporalidades e práticas tão distintas, tradição e modernidade, homogeneização e diversidade, poderíamos agrupar os trabalhos de Ricardo Souza sobre o uso de drogas e tabaco em ritos religiosos e de Maurício Silva que trata das transformações modernizadoras na Primeira República no Brasil. Que Brasil é esse? Pergunta complexa sobre a qual se debruçaram muitos intelectuais importantes, alguns com o foco centrado no que talvez seja o aspecto mais perturbador da nossa realidade: a educação. Itamar Freitas e Marli Hayashi nos apresentam, em trabalhos no campo da história intelectual, respectivamente os pensamentos de Murilo Mendes e de Paulo Duarte sobre o tema. Por fim, Jadir Rostoldo encara, ainda uma vez, nesse número da *Saeculum*, um dos grandes problemas do Brasil: o do desenvolvimento humano. Ou seria o do crescimento econômico? Para fechar, e até como contraponto ainda que involuntário, à discussão colocada pelo último artigo, temos a resenha que Paulo Renato da Silva fez de uma obra que afirma a construção da história como um discurso dos historiadores, *A História Repensada* de Keith Jenkins.

Enfim, essa é vida que se combate. Entre a herança e a inovação. Em meio às escolhas colocadas à disposição de todos, inclusive dos historiadores. *Saeculum* pretende continuar a ser mais um esforço no sentido de retomar o que já foi iniciado e buscar a abertura para as novas possibilidades. É assim que tem sido desde o primeiro número.

